

**Texto de divulgação científica na pandemia da Covid-19:
estudo da heterogeneidade discursiva mostrada da revista Superinteressante**

*Scientific disclosure text in the Covid-19 pandemic:
study of discursive heterogeneity presented in Superinteressante magazine*

Igor Vinícius Gomes LINHARES ¹
Leudson da Silva COELHO ²

Resumo

Este artigo pretende investigar o discurso de divulgação científica sob uma perspectiva linguística. Ancorou-se em estudos da Análise do Discurso de linha francesa, mais precisamente na concepção da heterogeneidade discursiva mostrada defendida por Dominique Maingueneau (1997, 2008, 2013, 2015). Para tanto, selecionou-se como *corpus* duas edições publicadas pela revista Superinteressante entre maio e julho de 2020. A análise focalizou em seções cuja cenografia é manifestadamente de divulgação científica: saúde, ciência, tecnologia, sociedade. Os resultados apontam que o discurso de divulgação científica manifesta como uma das estratégias o uso de discurso relatado na construção de um novo discurso, uma vez que, embora esteja sustentado em outros dizeres, neste caso, dos cientistas, existe uma preocupação com o processo de escrita desse enunciado que circula como produto de revista que possui uma linguagem mais explicativa, de forma leve e objetiva, aproximando cada vez mais o leitor.

Palavras-chave: Heterogeneidade discursiva. Divulgação científica. Revista Superinteressante.

Abstract

This article intends to investigate the discourse of scientific dissemination from a linguistic perspective. It was supported by French Discourse Analysis studies, more accurately in the conception of the discursive heterogeneity presented and advocated by Dominique Maingueneau (1997, 2008, 2013, 2015). Following that, two editions published by the magazine Superinteressante between May and July 2020 were selected as the corpus. The analysis focused on sections whose scenography is manifestly of scientific dissemination: health, science, technology, society. The results indicate that the discourse of scientific dissemination manifests as one of the strategies the usage of reported discourse in the construction of a new discourse, although it is supported in

¹ Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Ceuma (CEUMA).
E-mail: igorvghinares@gmail.com

² Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: leudsoncoelho@gmail.com

other words, in this case, by scientists, there is a concern with the writing of this statement that circulates as a magazine product that has a more explanatory language, in a light and objective way, bringing the reader closer and closer.

Keywords: Discursive heterogeneity. Scientific divulgation. Superinteressante magazine.

Introdução

A sociedade sempre contou com a ciência para o progresso que teve durante séculos, mas pouco se deu conta do que os cientistas faziam, que caminhos percorriam para que se alcançasse êxito em diversos pormenores dos quais se dispõe atualmente. Aos cientistas, aqueles que compõem uma comunidade fechada, formada por pares especializados e de conhecimentos atrelados a objetivos, coube, apenas, desvendar os mistérios que contornam a humanidade, nada que os aproximasse de quem, intrinsecamente, é alvo das mais diversas e importantes descobertas.

O minimalismo técnico com que essa ciência se constrói para atender a probabilidade do sucesso, uma vez que seu resultado é a esperança de muitos indivíduos, sem que eles próprios saibam, tornou-se pauta para o jornalismo especializado de algumas centenas de anos para cá, também com a necessidade de cumprir com o papel social do jornalismo comum, o de bem informar.

Esse jornalismo especializado, na área da ciência, é mais uma prática da divulgação científica³, que nasceu em consonância à necessidade de propiciar às sociedades informações que as cercam, conduzem e transformam. Entretanto, o papel que o jornalismo científico desenvolve, neste caso, não é tão fácil na prática quanto parece ser na teoria. O que o público-leitor dos meios impressos, melhor, de revista – e segmentada – leem, uma vez que apenas grupos demonstram interesse pelo assunto, não é uma simples transposição dos processos, progressos e resultados que obtêm com os cientistas, mas vai muito além e atingem concepções que autores brasileiros como Bueno (2010) e Zamboni (2001) formam acerca de como se dá essa vertente de divulgação.

³ A divulgação científica inclui, conforme Bueno (1996), o jornalismo científico – identificado, com rigor conceitual, como espécie da divulgação – os livros didáticos, as aulas de ciências, os cursos de extensão para não especialistas, as histórias em quadrinhos, os fascículos de ciência e tecnologia produzidos por grandes editoras, documentários, programas especiais de rádio e televisão.

Com o entendimento de que o discurso de divulgação científica (DC), desde o início tem se constituído como auxílio de socialização da ciência, uma ação tão importante que contribui na formação da sociedade, escolheu-se investigar, nesta pesquisa, selecionando, como objeto de estudo, as formas de heterogeneidade discursiva mostrada⁴ no texto de DC da revista *Superinteressante*. Assim, procura-se compreender a presença do “outro” nesses textos, assinalando-se de que modo a revista valeu-se de diferentes vozes para construir esse discurso.

Portanto, fundamentamo-nos no recorte teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD) com os trabalhos de Maingueneau (1997, 2013, 2015), o qual possui, entre os analistas de discurso franceses, a mais sólida formação de linguista (POSSENTI, 2009).

A noção teórica aqui adotada compreende o discurso por meio de particularidades do texto, isto é, por meio de materialidade, pois “para Maingueneau, a materialização textual é absolutamente relevante, diferente do que ocorre nas análises foucaultianas” (POSSENTI, 2009, p.65).

O texto de divulgação científica

O processo de divulgação científica (DC), de acordo com os trabalhos de Bueno (2010), Orlandi (2001) e Zamboni (2001) compreende significações diferentes das propostas por Jacqueline Authier-Revuz (2004), e não considera válido apenas o discurso científico (D1) para o processo de construção de um novo discurso, ou discurso-segundo (D2), para que seja efetivada a divulgação para o grande público, os leigos, pelo menos no que se refere à temática abordada, mas preconiza que o texto de divulgação científica⁵, produzido, por exemplo, pelo jornalista, faça uso de outros discursos, ou seja, aqueles para além dos produzidos pela comunidade científica, para que tenha melhor embasamento e se torne compreensível ao público que deseja atingir.

⁴ Maingueneau (1997) já apontava que os analistas do discurso devem definir e delimitar seus espaços de investigação. Investiga-se, aqui, a heterogeneidade discursiva mostrada como o nosso recorte epistemológico.

⁵ Maingueneau (2013) compreende que a AD tem o texto como unidade de significação, isto é, objeto de organização linguística, ainda que constituído em outras semioses.

Para Jacqueline Authier-Revuz (2004), o processo que ocorre na constituição do discurso de DC é denominado por algumas nomenclaturas, como reformulação discursiva, recodificação, recontextualização e transferência. A reformulação discursiva, de acordo com a autora, faz parte da atividade de vulgarização científica, e consiste na reformulação de D1 em D2, do qual o primeiro não utilizaria de recursos quaisquer, de que dispõe o jornalismo, para melhor significar a interpretação necessária sobre a pesquisa utilizada para a construção do texto de DC.

Em contraponto, Zamboni (2001, p.53) frisa que, no que concerne à imprensa enquanto divulgadora de ciência e tecnologia (doravante C&T), “os meios de comunicação estruturam-se dentro e a partir de certa ambientação cultural, cujas diretrizes configuram formatos próprios a cada gênero de matéria jornalística, em função de modelos, influências e modismos, nacionais e importados”, isto é, seus resultados não poderiam ser outros que não aqueles interferidos por mais de uma voz. Ainda de acordo com a autora, a reformulação discursiva quando somente relatada, conforme propõe Authier-Revuz, obedece a uma enunciação com única função de interligar os polos, ou seja, o divulgador seria apenas o mediador entre a ciência e os leigos – e não necessariamente faria desta “nova” construção um discurso compreensível.

Ao se basear na alta concorrência de discurso relatado no discurso da DC, creio que Authier não pisou num terreno seguro e sólido. A enunciação do discurso de outrem é tema recorrente nos mais diferentes gêneros discursivos e tipologias textuais. O discurso relatado não pode, a meu ver, ser tomado como traço caracterizador da DC, mesmo que entre aí como a voz do “especialista”. Além do mais, o discurso relatado também está presente no discurso científico e em muitos outros discursos ele aparece, inclusive no cotidiano, no qual ele recebe grande peso (ZAMBONI, 2001, p. 54).

Orlandi (2001) assevera que o discurso de divulgação funciona como o encontro de dois discursos distintos: o jornalístico e o científico, porém não há convergência entre esses dois discursos uma vez que é preciso observar as produções de sentidos e as devidas territorialidades nesse jogo complexo de interpretação. Por consequência, o discurso de divulgação científica deve obedecer a um certo grau de cientificidade e não produzir conhecimento científico. Isso emerge de que os discursos estão imersos em espaços diferentes e específicos, além de serem instituições com práticas históricas e sociais distintas, cada qual com sentidos distintos relativos à ciência.

A compreensão sobre a atividade de DC está intimamente ligada ao jornalismo científico, que carrega, rigorosamente em seu conceito, o papel de divulgador das produções em C&T. Da mesma forma que os resultados obtidos por meio de pesquisas feitas no âmbito científico e tecnológico migram, didaticamente, para os livros utilizados no ensino escolar, Bueno (2010) frisa que assim é feito na divulgação científica pelos meios de comunicação, por entender que tal divulgação tem por objetivo alcançar vasta audiência, e sendo o conteúdo dirigido, portanto, para o público leigo, que necessita, não diferente, de uma linguagem compreensiva.

Zamboni (2001) afirma que o jornalista é um dos personagens que toma como importante função a de construir um D2 a partir dos resultados de pesquisas científicas (ou seja, D1) elaboradas, não diferente, pela comunidade científica, sob a ótica de que tal conteúdo seria explicitado a todos os grupos sociais, dos mais diversos níveis de educação, a um conteúdo mais acessível, direto e de tratativas menos especializadas. O D2, proveniente do discurso-fonte, ou seja, D1, e intercalado por diversos outros discursos em que se esbarra durante a construção do texto de divulgação científica seria, portanto, uma releitura com linguagem de fácil compreensão a diferentes grupos de pessoas, externas à comunidade científica.

Havendo, portanto, a necessidade de divulgar C&T, jornalisticamente, com a utilização de recursos e técnicas durante a escrita do texto de divulgação científica, é também necessário considerar o nível do discurso do público-alvo.

O público leigo, em geral, não é alfabetizado cientificamente e, portanto, vê como ruído – o que compromete drasticamente o processo de comunicação da C&T – qualquer termo técnico ou mesmo se enreda em conceitos que implicam alguma complexidade (BUENO, 2010, p. 03).

O perfil do público, assim como seu nível de discurso, são pontos extremamente fundamentais para a produção do discurso de divulgação científica. A linguagem utilizada no texto científico (entende-se, por este, aquele produzido pelos estudiosos em C&T) é complexa, hermética, especializada, e o público leigo, para quem o DN é feito, não dispõe de formação técnico-científica que lhe respalde a interpretar um jargão utilizado pela comunidade científica. Assim, sem a reformulação polifônica de pesquisas científicas, Bueno (2010) afirma que, habitualmente, os leigos tendem a não só interpretar equivocadamente os resultados de pesquisas nas áreas de C&T, mas a acreditar que tais conteúdos são produzidos para comunidades privilegiadas.

Zamboni (2001) reforça a exigência de facilitar a linguagem utilizada nos periódicos científicos quando transposta ao texto de divulgação científica, uma vez que o jornalismo, neste contexto, em que assume o papel de divulgador, o que lhe admite a função de comunicar para a massa, tem por objetivo alcançar um grande número de leitores, quando no meio impresso, o que, via de regra, o torna inerente à obrigação de viabilizar a compreensão daquilo que “ultrapassa os muros da comunidade científica e chega aos olhos e ouvidos do homem comum” (ZAMBONI, 2001, p. 48).

Dessa forma, compreende-se que o discurso de divulgação científica não é apenas uma mera reformulação do discurso científico, isto é, que o divulgador da ciência seja apenas seja apenas um facilitador de uma fonte especializada. Sendo assim, entende-se que o divulgador, neste caso, o profissional da imprensa ou veículo de comunicação, produz novo discurso que enquanto prática discursiva é realizado em diferentes gêneros discursivos. Zamboni (2001, p.59) defende que se trata da produção de novo discurso, resultado de uma “atividade em condições de produção inteiramente outras”.

Heterogeneidade discursiva mostrada

Faz-se importante frisar, antes de tudo, que a heterogeneidade discursiva é considerada, por Maingueneau (1997, p. 75), em dois planos distintos: mostrada e constitutiva, sendo que uma “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso”, da constituição de uma FD. Aqui, contudo, interessa apenas as discussões que envolvem a heterogeneidade mostrada, objeto de estudo, adotado para investigação nesta pesquisa.

Maingueneau (1997) ressalta que nenhum texto e nenhum discurso, de qualquer que seja o gênero, se constitui sem que permeie o que, em determinado momento da história, tenha sido pronunciado por outrem. Por natureza, toda enunciação, escrita ou oral, parte de algo já dito. Desta forma, deve-se considerar que toda construção textual e discursiva se vale da palavra do outro, pois, embora não esteja marcada em determinadas formações, ainda assim, constitui-se do que existe no mundo a partir de outras vozes que não a do enunciador propriamente dito.

Embora não se perceba, senão por dizeres entre aspas, ou seja, reproduções, por citações diretas ou indiretas ou outros, Maingueneau (2005) assevera que todo e qualquer enunciado está, intimamente, ligado a algo já apossado por alguém. Ainda de acordo com o autor, toda formação discursiva perpassa o fio do interdiscurso e se constitui pelo que já foi transmitido por outro. O outro, neste contexto, é tudo aquilo que se pode considerar como heterogeneidade enunciativa, isto é, a convergência do que pondera aquele que se diz autor do discurso/texto com a locução dada por outros sujeitos.

Maingueneau (2005) afirma que é natural que todo discurso, ainda que na amplidão da linguagem humana, se depare e sustente em outro discurso já existente, pelo caminho que o primeiro costuma trilhar em busca da efetivação. Assim, toda enunciação está interrelacionada com o discurso do outro, ponto que legitima a interdiscursividade de todas as formulações discursivas e as caracteriza como sendo polifônicas, identidade que o autor emprega a todo discurso pronunciado escrita ou oralmente.

Não se pode acreditar em uma soberania discursiva, ao tempo em que o enunciador não se pode achar dono daquilo que, discursivamente, transmite. Para Maingueneau (2005) o sujeito enunciador vive numa fronteira, exprimindo o que, essencialmente, acha ser criador. Por estar edificado nesta fronteira, toma para si uma visão que, inevitavelmente, está, também, sob o olhar do outro, e emite discursos que, não diferente, são rigorosamente constitutivos de traços já existentes no mundo.

Ancorado na teoria bakhtiniana, Maingueneau (2005, p. 39) assegura que a relação com o outro provoca o interdiscurso a parte do qual todo discurso se constitui. É a partir da ideia de dialogismo a que faz jus o Círculo de Bakhtin⁶, que o autor presume a fundamentação da discursividade meio às formulações discursivas, sejam elas escritas ou orais, pois há uma certa “impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo”. A heterogeneidade mostrada, para Maingueneau (1997, 2013) pode se manifestar, também, de diversas formas e apresentar distintas marcas no discurso como: polifonia, pressuposição, negação, palavras entre aspas, metadiscurso, parafraseamento, ironia, autoridade, provérbio, slogan, imitação, pastiche e formação

⁶ É a denominação feita pelos pesquisadores ao grupo de pensadores russos que se reunia no século XX, dentre os quais fizeram parte Bakhtin, Voloshinov e Medvedev.

discursiva. A seguir, explicita-se as características de cada tipo de heterogeneidade mostrada:

- a) **Polifonia:** admite que o discurso dispõe de um único falante, seu locutor, ou seja, um sujeito que é considerado autor do que escreve, fala e, assim, assume a responsabilidade por cada um desses atos;
- b) **Pressuposição:** assim como a própria ideia que fundamenta a AD, ou seja, o que há de pré-construído, resume-se na assertividade que há em seu interior. O autor frisa que se faz necessário pressupor algo para que a frase tenha e faça sentido;
- c) **Negação:** no caso da negação, Maingueneau (1997) afirma que é possível perceber e distinguir duas proposições: uma que afirma e outra que nega. Para o autor, a negação, em AD, propõe um choque entre duas ideias, de dois enunciadores, ou seja, um primeiro, assumiria o papel de rejeitado, e o segundo, a rejeição;
- d) **Discurso relatado:** Uma das marcas de maior destaque na heterogeneidade mostrada é o discurso relatado. De acordo com Maingueneau (2013, p. 179) no discurso relatado “põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos: uma enunciação citante e uma enunciação citada”. Aqui, cabe compreender a forma como o discurso relatado se manifesta. O autor pontua que, em detrimento às formas como se deseja enunciar, o relato pode ser direto, indireto ou indireto livre;
- e) **Palavras entre aspas:** a utilização das aspas para termos, construções frasais, discursos, denotam sua alteridade. Desta forma, Maingueneau (1997) realça seu uso intrínseco ao discurso direto. O discurso entre aspas sobressalta aquilo que seu locutor enuncia à parte, isto é, ganha destaque por se dar de forma enfática e, sobretudo, comunicar aquilo que o locutor não quer se responsabilizar;
- f) **Metadiscurso:** escrever sobre aquilo que se escreve, de forma explicativa, como nota, também é uma das estratégias de heterogeneidade marcada, de acordo com os pressupostos de Maingueneau (1997);
- g) **Parafraasegmem:** Maingueneau (1997, p. 96) ressalta que “parafraasear consiste em colocar-se em uma posição de exterioridade relativa face à sequência de seu próprio discurso”. Assim, em linearidade ao metadiscurso,

a paráfrase tem por objetivo no caso do discurso de divulgação científico, por exemplo, dizer de forma diferente aquilo que sua fonte disse;

- h) **Autoridade, provérbio e slogan:** Maingueneau (1997) assevera que, nestes três casos, o enunciador inexistente diante de um locutor ainda mais importante. No âmbito jornalísticos, é comum, quando não necessário, utilizar da voz de uma autoridade para dar ao texto uma maior veracidade, ou melhor, validade. O público receptor, por assim dizer, tem, naturalmente, mais facilidade em tomar como verdade uma informação que parte de uma fonte notadamente reconhecida e, em nível hierárquico, superior a quem simplesmente divulga;
- i) **Ironia:** subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é assumido pelo locutor; a ironia possui propriedade de poder rejeitar, sem passar por um operador como acontece na negação. A ironia é um fenômeno sutil, passível de análises divergente e cuja extensão é difícil de circunscrever, por menos que nos afastemos de exemplos simples;
- j) **Imitação:** a imitação de um gênero do discurso pode assumir dois valores opostos: a captação e a subversão. Quando há captação, a imitação incide sobre a estrutura explorada e, segundo caso, quando há subversão, a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua imitação;
- k) **Pastiche e formação discursiva:** o primeiro distingue-se, em princípio, da paródia dado que o pastiche ideal é falso; ele deveria poder figurar entre as obras do corpus que imita. Para que o pastiche seja reconhecido como tal, seu autor é levado, frequentemente, a introduzir índices de distanciamento (aumento os efeitos, por exemplo). No caso da formação discursiva, esta se assemelha ao pastiche.

Cenas de enunciação

Nesta pesquisa, busca-se características que possam remeter às cenas de enunciação e, por meio disso, recuperar a rede de sentidos possíveis. Inicialmente, cena de enunciação não se confunde com situação de comunicação. A cena de enunciação é compreendida no bojo no enunciado e facilitada pela referenciação dos dêiticos. São,

pois, eles os autores pela construção espaço-temporal e pessoal legitimada pelos enunciados. Desse modo, a situação comunicativa pode ser explicada em termos concreto como quem escreveu o texto, onde e quando, datas e locais de escritas.

Maingueneau (2006, p. 250) assevera que:

A situação de enunciação não é uma situação de comunicação socialmente descritível, mas o sistema no qual se definem as três posições fundamentais do enunciador, do coenunciador e da não pessoa. Como se sabe, está na base da identificação dos dêiticos espaciais e temporais, cuja referência é constituída em relação ao ato de enunciação.

Para compreender essa encenação, recorreremos à distinção de três cenas:

- a) Cena englobante: trata-se, de imediato, ao efeito pragmático do texto: discursos literários, políticos, jornalísticos, religiosos, científicos etc. São caracterizados por existir razões pragmáticas definidas;
- b) Cena genérica: compreende um gênero ou subgênero do discurso com os quais nos deparamos. Para Maingueneau (2008) cada gênero ou subgênero de discurso define o papel de seus participantes: num panfleto de campanha eleitoral, teremos um “candidato” dirigindo-se a eleitores, num curso, teremos um professor dirigindo-se a alunos etc.
- c) Cenografia: representa a cena de fala que caracteriza certo discurso; a cenografia é determinada pelo próprio texto. Cada gênero realiza cenografias distintas.

Considerando a cena enunciativa da revista *Superinteressante*, observamos que o discurso de divulgação científica surge como elemento da cenografia proposta. Por se tratar de um produto de mídia, a cena englobante é o discurso jornalístico, cuja cena genérica compreende gêneros também jornalísticos (notícia, reportagem, entrevista, editorial). A cenografia dessa revista, isto é, o seu modo de organização da enunciação, caracteriza-se como de divulgação científica.

Análise e discussão dos resultados

O *corpus* selecionado compreende edições publicadas pela revista *Superinteressante*. Situamos esse produto de mídia nos domínios do discurso de

divulgação científica, uma vez que recorre a estratégias linguísticas para divulgar a ciência para o público não-especializado.

Para Maingueneau, a organização textual dos discursos é fundamental. Afirma-se nos postulados de Possenti (2009, p. 54) que “a AD propõe explicitamente que essas estruturas (textuais) são o lugar da materialização em que se dão os processos discursivos (os efeitos de sentido)”. O texto é o objeto discursivo que se apresentam as marcas expostas pelo sujeito da enunciação ⁷e, ainda, é o espaço de investigação do analista do discurso, pois de acordo com Pinto (2002) é o “detetive”, na medida em que busca marcas deixadas no texto e as características relacionadas ao modo de dizer.

Sistematizamos a análise e discussão dos resultados de acordo com as orientações metodológicas da AD, com base nos postulados de Maingueneau (1997, p. 20), segundo o qual toda investigação em AD propõe duas etapas: “inicialmente, a exposição dos conceitos linguísticos; a seguir a explicação da forma como a AD pode explorá-los”.

O *corpus* é constituído de dois textos de divulgação científica da revista Superinteressante, produto da editora Abril, entre o período de maio e julho de 2020, as quais correspondem as edições 415 – “O mundo pós coronavírus” e 417 – “Corrida pela vacina”.

Figura 01 – Capa das edições 415 e 417



Fonte: Revista Superinteressante, 2020.

⁷ Não corresponde a quem assina ou escreve o texto, mas podem representar, assim, a posição do sujeito, ou seja, a voz que concebe tal enunciado, a partir de interesses institucionais (MAINGUENEAU, 1997). No que diz respeito a produção de instâncias midiáticas, os sujeitos da enunciação são institucionais: o enunciador, jornalista, representa o veículo de comunicação que faz parte; e o leitor, coenunciador, receptor da publicação (PINTO, 2002).

Após a seleção do *corpus*, analisamos os discursos reportados nas categorias da heterogeneidade discursiva mostrada, teoria defendida por Maingueneau (1997) como “aquela que incide sobre as manifestações explícitas recuperáveis por meio de uma diversidade de fontes de enunciação”. Inicialmente, o analista do discurso agrupa essas marcas explícitas, quase sempre presente nos discursos, cujo destaque é relevante para AD, no que diz respeito ao estudo da heterogeneidade. Adotamos nesta pesquisa a seguinte categoria de análise da heterogeneidade mostrada: discurso relato que, por sua vez, desdobra-se em dois eixos: discurso relatado direto (DD) e discurso relatado indireto (DI).

Discurso relatado

A AD, sob a literatura de Dominique Maingueneau (1997), relata dois tipos de discurso relatado: discurso relatado direto (DD) e discurso relatado indireto (DI).

Discurso relatado direto (DD)

(01) O aperto de mãos não é tão universal quanto se imagina. E quando a pandemia for superada, talvez seja ainda menos. “Já é assim em outras culturas. O coronavírus tende a reforçar isso”, diz o psicanalista Christian Dunker, professor da USP e autor de *A Reinvenção da Intimidade*. (SUPERINTERESSANTE, ed. 415, 2020)
(02) A primazia da ciência, por sinal, deverá ser outro eixo do mundo pós-coronavírus. Em condições normais, uma decisão ou política equivocada pode levar décadas até mostrar seu efeito negativo. Agora, não é assim: a conta chega rápido, e pode ser altíssima. “A crise pode representar uma derrota a quem se coloca como antagonista da ciência e das universidades”, diz Pablo Ortellado, professor de gestão pública da USP. (SUPERINTERESSANTE, ed. 415, 2020)

O sujeito da enunciação compreende em seus discursos a função de sua relação com o outro, possuindo consciência disso ou não. Dessa forma, na medida em que os sujeitos “dizem”, observa-se que outros diferentes discursos e sujeitos também se fazem ouvir, pois as relações de heterogeneidade são inerentes a cada discurso, como também estratégia de mobilização de sentidos. Dito isso, salienta-se que o uso da voz do “outro” se torna uma das balizas jornalísticas para aferir credibilidade e efeito de veracidade às informações vinculadas pelos meios de comunicação.

Maingueneau (1997), por sua vez, assevera que, ao relatar as alocações de um terceiro, o enunciador, na realidade, vale-se da voz do outro como recurso para validar

de sua proposição, de forma que o locutor citado é balizado tanto como o “não-eu” em relação àquele que cita, quanto como a “autoridade” que protege sua fala. Assim, o discurso direto, estritamente, é definido, no bojo da linguística como o surgimento da voz do “outro”, isto é, o “não-eu” no interior de um discurso que pertence àquele que enuncia, sendo evidenciado, frequentemente, pelo uso de aspas, travessões, uso de itálico, de dois pontos, etc.

Na prática jornalística, é comum que o jornalista utilize de discursos diretos de suas fontes como estratégia para a construção dos diferentes gêneros do discurso jornalísticos que circulam na sociedade e, assim, demonstra neutralidade sobre o assunto que se escreve. O DD é um dos principais recursos linguísticos utilizados para a construção do discurso de DC, concebido a partir da necessidade que se tem de afirmar algo que o locutor, entende-se por este o jornalista, não pode afirmar como sujeito autoridade do discurso que concebe.

No DD, de acordo com Maingueneau (2015), não só são restituídos os discursos citados, como também são evidenciadas às suas origens, isto é, o DD não exime o enunciador de sua responsabilidade. Outro ponto que não se pode deixar de observar é o discurso citante, ou seja, aquele feito pelo jornalista e que delinea, constrói a cena e dá sentido ao que é citado em outro discurso pelo enunciador. Em suma, os discursos diretos só conseguem ser interpretados pelo leitor de um texto informativo/noticioso porque há uma contextualização por parte do locutor antes de mencionar a citação direta do enunciador.

Nos enunciados (01) e (02) o jornalista não abre mão de pronunciar DD para contextualizar a ideia que pressupõe no momento da construção do discurso de DC. O sujeito da enunciação põe sob a responsabilidade de especialistas os discursos que pretende informar para o público-leitor se isentando, assim, de expressar sua opinião e de não possuir validação. Neste cerne, Maingueneau (2013) enfatiza que o DD tem por finalidade autenticar aquilo que o locutor pretende transmitir para seu público-alvo.

No enunciado (01), o DD é mais uma das estratégias adotadas pelo jornalista para criar o que se pretende em pauta. Assim, como o exemplo (02), a primeira trata-se de uma citação de um especialista relatando sobre um assunto de domínio científico. Neste caso, o DD consegue fundamentar o que o discurso citante, baseado em uma outra fonte, se propõe a dizer. Assim, nas palavras de um especialista, o título consegue não só informar um saber antes restrito, por meio de outras palavras, mas, sobretudo, e por

causa disso, facilitar a compreensão sobre o assunto – já que se trata de uma abordagem especializada.

Em se tratando de discursos de DC, a partir dos enunciados supracitados, Bueno (2010) frisa a necessidade que o público-leitor e interessado em ciência tem de conseguir compreender o que se escreve sobre o que está sendo desenvolvido pela comunidade científica. Sendo as fontes principais da DC, o texto científico, ou melhor, as pesquisas, o DD utilizado é compreendido como recurso de facilitação da abordagem em ciência pois, de acordo com o autor, faz-se imprescindível utilizar de estratégias em que o intuito seja promover o conhecimento do campo científico para o público em geral.

Entende-se, assim, conseqüentemente, que o discurso de DC seja um novo discurso que surge a partir do discurso científico, isto é, o sujeito que enuncia, neste caso, o jornalista mobiliza diferentes estratégias linguístico-discursivas para esse novo discurso. Uma dessas estratégias é o uso de DD que conforme Maingueneau (2013, p. 182) “por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de um texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar enfoque pessoal”.

Discurso relatado indireto (DI)

(04) A americana Pfizer e a alemã BioTech estão desenvolvendo, em conjunto, outra vacina RNA. No primeiro teste, todos os 45 voluntários produziram níveis altos de anticorpos contra o coronavírus – maiores, até, do que os registrados em pessoas que se curaram da Covid-19. (SUPERINTERESSANTE, ed. 417, 2020)

(05) O Ministério da Saúde já assinou um contrato com a Universidade de Oxford e sua parceria, a multinacional AstraZeneca. Por esse acordo, a Fundação Oswaldo Cruz receberá alguns lotes de vacina e também a tecnologia necessária para produzi-la. Inicialmente, serão 30,4 milhões de doses [...]. Num segundo momento [...] a Fiocruz pretende fazer mais de 70 milhões de doses. (SUPERINTERESSANTE, ed. 417, 2020)

Em relação ao discurso relatado indireto, entende-se que também é umas das estratégias de reprodução do discurso do “outro”. Assim, pode-se afirmar que é uma representação menos realista do discurso relatado do que apresentado de forma direta, uma vez que, ao empregá-lo, o sujeito possui margem para maior interpretação do que foi dito pelo “outro”.

No caso do discurso relatado indireto, como apresentado nos enunciados (03) e (04), Maingueneau (2015) afirma que é comum, não mais que o DD, vê-lo como parte integrante da imprensa contemporânea. Para o autor, o DI se trata de uma interpretação que o jornalista, neste caso, faz sobre o discurso de sua fonte. E, em se tratando do jornalismo especializado em ciência, é cada vez mais necessário que se adapte determinados termos, ou seja, traduza-os para que estes tornem-se compreensíveis ao público leigo, onde retoma-se a ideia de Bueno (2010) de que o jornalista deve utilizar de recursos para cumprir com a atividade de divulgação científica, que deve ser clara e objetiva.

Os discursos indiretos, tanto exemplificados no enunciado (03) quanto no enunciado (04), mostram-se fundamentais para efetivação da divulgação científica por meio do jornalismo científico. Zamboni (2001) enfatiza que a interpretação do jornalista sobre as pesquisas científicas e demais aportes que se tornam pauta para a imprensa é essencial para a compreensão do público leigo. A revista, por disponibilizar espaço e, inclusive, atualmente se disseminar de forma segmentada, aborda, conforme Tavares e Schwaab (2013), uma interatividade e interdiscursividades tamanhas capazes de facilitar o conteúdo para os leitores, como aparece nos casos mostrados.

O DI, como estratégia linguístico-discursiva, é mais um dos recursos utilizados pelo jornalista na construção de um novo discurso, uma vez que, embora esteja sustentado em outros dizeres, neste caso, dos cientistas, existe uma preocupação com o processo de escrita desse enunciado que circula como produto de revista que possui uma linguagem mais explicativa, de forma leve e objetiva, aproximando cada vez mais de seu leitor.

Esse percurso de interpretação valida que não estamos diante de apenas um trabalho de citação, mas os enunciados em questão são empregados em discursos que circulam socialmente, constituídos de sinalizações, tais como: aspas, itálicos, usos de verbos *dicendi*, o que torna distinto os limites entre o Mesmo e o Outro.

Considerações finais

Com base nas discussões teóricas, compreendemos que o discurso de divulgação científica, sendo uma atividade na qual o sujeito pratica a ação de informar sobre o conhecimento científico produzido, realiza, assim, um novo discurso, isto é, uma nova

ordem para o saber científico. Esta nova ordem, portanto, se vale da preocupação que o jornalista tem com o seu público, ou melhor, é a partir da percepção de que a ciência produz um conteúdo hermético e especializado que o jornalista utiliza de recursos que lhe são de propriedade, entre outros, para difundir determinada pesquisa de forma facilitada e compreensível.

Nesta pesquisa, investigamos uma das marcas da heterogeneidade mostrada no discurso de divulgação científica da revista *Superinteressante*, a partir da Análise do Discurso de linha francesa, cujo propósito foi compreender de que forma essas estratégias discursivas são capazes de contribuir para a inteligibilidade do texto jornalístico em ciência, que tem como fonte as pesquisas científicas produzidas por e para cientistas, dotadas de uma linguagem complexa, especializada e incompreensível a outros que não os próprios pares da comunidade científica.

Verificamos, ainda e sobretudo, que o jornalista, diferente do cientista, que escreve para os seus pares, para ter uma validação por parte destes dentro de uma comunidade fechada, escreve para diferentes leitores, com e sem escolaridade; para leitores de diferentes regiões do país e níveis socioeconômicos de forma a transmitir um conteúdo acessível. O jornalista visa, no ato da produção do texto de divulgação científica, apenas informar, diferente do texto científico já explicitado.

Referências

AUTIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação e Informação**. v° 15, p. 1-12, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 238 p. Tradução de: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3° ed. São Paulo: EDUNICAMP, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: Guimarães, E. (Org). **Produção e circulação do conhecimento**: estado, mídia e sociedade. Campinas: Pontes, p. 21-30, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso**: introdução à análise dos discursos. 2 ed. São Paulo. Hacker Editores, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, nº 415, maio. 2020.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, nº 417, jul. 2020.

SWAAB, Reges; TAVARES, F. de Mello Brandão. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica**: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. São Paulo: Fapesp, 2001.